

Ideologias, utopias e novas práxis (3 créditos)

Profs. Breno Bringel e José Pedro Zúquete

Horário: Quintas-feiras, das 09 às 12 horas

Consultas: a combinar com os professores

Ementa:

Como resultado das catástrofes das duas guerras mundiais, intelectuais anti-utópicos do pós-guerra, tanto de esquerda como de direita, repudiaram qualquer possibilidade de emancipação coletiva. À direita, Karl Popper retratou projetos utópicos como inevitavelmente perigosos, perniciosos e autodestrutivos. Sociedades ideais emergiriam “apenas a partir de nossos sonhos e dos sonhos dos nossos poetas e profetas. Elas não podem ser discutidas, apenas proclamadas em cima dos telhados. Elas não apelam para a atitude racional do juiz imparcial, mas para a atitude emocional do pregador apaixonado”. Em um registro à esquerda, Hannah Arendt indagou: “E o que mais, enfim, é este ideal [de emancipação] de sociedade moderna, senão o velho sonho dos pobres e miseráveis, que pode ter um charme próprio, desde que ele é um sonho, mas que se transforma em um paraíso dos tolos, assim que é realizado? Outros, como Aleksandr Solzhenitsyn, que teve experiência íntima com um desses “paraísos”, sabia quem culpar: “Graças à ideologia, o século XX esteve fadado a experimentar a maldade em uma escala calculada em milhões. Isto não pode ser negado, ignorado ou suprimido”.

É verdade que a narrativa do fim das ideologias foi contestada nos anos 1960 e 1970 por teologias da libertação, hippies, guerras de libertação nacional, lutas anti-imperialistas, subculturas alternativas, cruzadas pelos direitos civis, o ativismo anti-guerra, protestos feministas e várias forças sociais de uma “nova esquerda” empenhada em derrubar o “sistema” e alcançar uma total transformação do mundo moderno. O conteúdo da sonhada utopia divergia em seus detalhes, mas geralmente incluía, entre outros elementos, a eliminação de tabus sexuais, o fim da violência, o estabelecimento de uma igualdade completa, a ascensão de comunidades abrangentes de amor e de partilha e o imaginário da emancipação.

Contudo, para muitos intelectuais, a suspeita de que não havia possíveis alternativas positivas para o status quo permaneceu. Movimentos utópicos seriam apenas aberrações, que em breve seriam englobados na marcha inevitável em direção a um futuro racional. Essa perspectiva receberia seu aval com a desintegração da União Soviética, cujo colapso foi visto como evidência convincente de que o previsto “fim” da história havia de fato chegado, bem como o fim das ideologias e o fim da revolução. Na verdade, parecia que o mundo ocidental tinha entrado em um período de *endism*, em que as utopias de transformação já não podiam ser imaginadas, muito menos analisadas. O racionalismo burocrático e uma suposta “tecnificação da política”, ao que parecia, tinha esmagado todos os rivais; a democracia representativa saía vitoriosa e o capitalismo seria eternamente triunfante. Os conflitos tormentosos sobre os sistemas políticos e

econômicos (por não mencionar os espirituais), que deviam reger os assuntos humanos, haviam sido definitivamente resolvidos. Francis Fukuyama, o porta-voz mais eloquente dessa perspectiva, melancolicamente observou em 1989 que “o fim da história será um momento muito triste”. Nessa chave, a luta ideológica mundial que apelava para a ousadia, a coragem, a imaginação, a criatividade e o idealismo haveria sido coisa do passado. Em suma, haveria sido “substituída pelo cálculo econômico, a resolução interminável de problemas técnicos, as preocupações ambientais e a satisfação das exigências dos consumidores mais sofisticados”. E é neste contexto que Zygmunt Bauman reclamava, no crepúsculo do século XX, que estávamos todos vivendo em uma vergonhosa era “pós-ideológica” e “pós-utópica”, sem grandes projetos, exceto para a busca incessante do auto-interesse e da felicidade individual. Será isso certo? Haveriam renunciado os movimentos sociopolíticos aos elementos utópicos em seus modos de vida e imaginários? Qual o futuro das ideologias políticas modernas? Onde estariam os projetos, os “grandes” sonhos e a ousadia de imaginar um mundo diferente e melhor?

Este curso busca discutir repostas a essas perguntas nas novas práxis e imaginários globais, muitos altamente localizados, que desafiam não somente o ideal do *there is no alternative* como também as ideologias políticas modernas e nossos próprios esquemas teóricos e políticos. O ciclo global de protestos e propostas que emerge no cenário pós-queda do Muro de Berlim será analisado *vis-à-vis* algumas inflexões teóricas que buscam atualizar os horizontes utópicos e as matrizes sociopolíticas e ideológicas contemporâneas. Ideias, formas de pensamento, enquadramentos da realidade social e energias psíquicas serão discutidas, utilizando sempre que possível fontes primárias, em estreita conexão com as forças e práxis sociais contemporâneas. Embora os movimentos sociais serão um objeto privilegiado de análise do presente curso, um esforço analítico coletivo será necessário para entender as insurgências, as mobilizações e as novas expressões de contestação no Brasil e no mundo (incluindo uma “viagem” por primaveras e “indignações”) que os transcendem e, em alguns casos, os reconfiguram.

Parte 1: Ideologias/Utopias– teorias e imaginários globais

Sessão 1 (15/08) Da narrativa do “fim” das ideologias a sua reinvenção? Novas práxis e imaginários globais

CHEN, Stephen. 2009. *The end of certainty. Towards a new internationalism*. Londres: Zed Books, cap.1.

STEGER, Manfred. 2009. “Political ideologies and social imaginaries in the global age”. *Global justice: theory, practice, rhetoric* (2), pp.1-17.

SOBORSKI, Rafal. 2012. “Globalization and ideology: a critical review of the debate”, *Journal of Political Ideologies*, v.17, n.3, pp.323-346.

Sessão 2 (22/08) Atores sociais numa era global: os sentidos de “um outro mundo possível”

Professor convidado: Geoffrey Pleyers (FNRS, Bélgica / CADIS-EHESS, França)

PLEYERS, Geoffrey. 2010. *Alter-globalization. Becoming actors in the Global Age*. Cambridge: Polity Press, caps. 2 e 4.

Sessão 3 (29/08) A dicotomia esquerda/direita ainda faz sentido?

NOËL, Alain e THÉRIEN, Jean-Philippe. 2008. *Left and Right in Global Politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

CLARK, T.J. 2013. *Por uma Esquerda sem Futuro*. São Paulo: Editora 34

BOBBIO, Norberto. 2001. *Direita e Esquerda. Razões e Significados de uma distinção Política*. São Paulo: Editora UNESP, 2ª edição revista e ampliada.

Sessão 4 (05/09) Novas ideias e hipóteses socialistas e comunistas

DOUZINAS, Costas; ZIZEK, Slavoj (Eds.). 2010. *The Idea of Communism*. Londres: Verso.

BADIOU, Alain. 2012. *A hipótese comunista*. São Paulo: Boitempo.

Sessão 5 (19/09) “Pós-anarquismo” e “utopias piratas”

BEY, Hakim. 1991. *Utopías piratas*. Medellín: Corazón de Fuego Ediciones.

GRAEBER, David. 2002. “The new anarchists”. *New Left Review*, n.13, january/february.

NEWMAN, Saul. 2010. *The Politics of Postanarchism*. Edinburgh: Edinburgh University Press

Parte 2: Ideologias e Novas práxis

Sessão 6 (26/09): O Zapatismo

SUBCOMANDANTE MARCOS. 2000. *Nuestra Arma Es Nuestra Palabra: Escritos Selectos*, Siete Cuentos Editorial.

KHASNABISH, Alex. 2008. *Zapatismo Beyond Borders: New Imaginations of Political Possibility*, Toronto University Press

Sessão 7 (03/10): O “buen vivir”, o nacional-popular e novas utopias continentais

GUDYNAS, Eduardo. 2011. “Buen vivir: germinando alternativas al desarrollo”. *América Latina en Movimiento*, n.462, pp.1-33.

CHAVEZ, Hugo. 2000- *Discursos del Presidente Hugo Chávez Frías*. Disponível em: http://www.presidencia.gob.ve/html/publicaciones/publicaciones_discursos.html

PHILIP, George e PANIZZA, Francisco. 2011. *The Triumph of Politics: The return of the left in Venezuela, Bolivia and Ecuador*. Londres: Polity Press.

Sessão 8 (10/10): Política “viral”

Professor convidado: Benjamín Arditi (UNAM, México) – a confirmar

ARDITI, Benjamín. 2012. “Las insurgencias no *tienen* un plan, ellas *son* el plan”: performativos políticos y mediadores evanescentes en 2011”. *Debate Feminista*, México, n.46, pp.146-169.

Sessão 09 (17/10): Violência do Estado – supressão do protesto, novos mecanismos de controle social e criminalização do dissenso na América Latina

Professora convidada: Marie-Christine Doran (University of Ottawa, Canadá)

Sessão 10 (24/10):

Violência *contra o* Estado – ação direta, radicalização e terrorismo global

GRIFFIN, Roger. 2012. *Terrorist's Creed: Fanatical Violence and the Human Need for Meaning*. NY: Palgrave

CRIMETHINC. 2013. EX-WORKERS COLLECTIVE. “The Illegitimacy of Violence, the Violence of Legitimacy”. Disponível em: <http://www.crimethinc.com/texts/>

Parte 3: Indignação, insurgências e novos horizontes de possibilidades

Sessão 11 (31/10) Rebeliões populares contemporâneas e geopolítica da indignação

COMITE INVISIBLE. 2007. *La insurrección que llega*. Disponível em:
<http://www.rebellion.org/docs/86360.pdf>

JURIS, Jeffrey (Ed.). 2013. *Insurgent Encounters: Transnational Activism, Ethnography, and the Political*, Duke: Duke University Press.

LANG, Amy; LEVITSKY, Daniel (Eds.). 2012. *Dreaming in Public: Building the Occupy Movement*. Oxford: New Internationalist Publications.

Sessão 12 (7/11) Movimentos e mobilizações sociais no Brasil

BRINGEL, Breno. 2013. *Movimentos e mobilizações no Brasil: agendas políticas e de pesquisa*, mimeo.

NOBRE, Marcos. 2013. *Choque de democracia. Razões da revolta*. RJ: Civilização Brasileira.

Sessão 13 (14/11) Primavera Árabe

Professor convidado: Murilo Sebe Bon Meihy

AMAR, Paul; PRASHAD, Vijay. 2013. *Dispatches from the Arab Spring: understanding the New Middle East*. Minneapolis: University Of Minnesota Press.

Sessão 14 (21/11) História, presente e produção da consciência no século XXI

HAYDEN, Patrick; EL-OJEILI, Chamsy (Eds.). 2009. *Globalization and Utopia: Critical essays*, N.Y: Palgrave.

ZÚQUETE, José Pedro. 2011. "Another World is Possible? Utopia Revisited" *New Global Studies*, v.5, n.2.

Sessão 15 (28/11) Debates finais

*** Outras referências bibliográficas e convidados poderão ser incluídos ao longo do curso**